



A TERRA PROMETIDA DOS NEOPENTECOSTAIS

THE PROMISED LAND OF NEOPENTECOSTAIS

Julio Cezar Lazzari Junior

Bacharel e licenciado em Teologia e tecnólogo em Comunicação em Marketing. Pós-graduado em Marketing Internacional pela Universidade 9 de Julho (Uninove) e em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e mestrando em Filosofia na Universidade São Judas Tadeu (USJT).

E-mail: julio_lazzari@ig.com.br

RESUMO

A busca pela felicidade é universal. A sensação de que algo falta em nossas vidas não está limitada a qualquer cultura, povo ou religião, pois nós somos seres inacabados e o mundo não é plenamente adaptado para a nossa existência na Terra. Além do mais, a história está repleta de líderes opressores que ajudam a intensificar a miséria, a escravidão e a desigualdade. Temos, então, um cenário perfeito para o surgimento dos movimentos messiânicos, prometendo uma terra sem males, sem maldade ou opressão, uma espécie de paraíso terrestre. Nesse mesmo espírito, surge o movimento neopentecostal, trabalhando com promessas, conquistas, sucesso financeiro e líderes carismáticos. Os pastores, bispos e apóstolos são os mensageiros de Deus, dando aos fiéis a fórmula do sucesso, levando essas pessoas a fazer desse movimento um grande império, o verdadeiro paraíso terrestre do qual somente alguns desfrutam.

PALAVRAS-CHAVE

Neopentecostalismo; Paraíso terrestre; Messiânico; Conquistas; Promessas.

ABSTRACT

The search by happiness is universal. The sensation of what something failure in our lives isn't limited to any culture, people or religion, as we're beings unfinished and the world isn't fully adapted for our existence on

Earth. Moreover, the history is replete of oppressive leaders, which help intensify the misery, the enslavement and the difference. We've, then, a scene perfect about to the emerge from the movements messianic, it promises a land without evils, without malice or oppression, a kind of paradise terrestrial. This even sense appears the move neopentecostal, working with promises, conquest, success financial and charismatic leaders. The pastors, bishops and apostles are the messengers of God, giving to the followers the formula of the success, taking these people to make this movement a great empire, the truthful terrestrial paradise of which only a few enjoy.

KEYWORDS

Neopentecostalism; Terrestrial paradise; Messianic; Achievements; Promises.

1. INTRODUÇÃO

Muitos movimentos messiânicos surgiram na história. Conquistas, poder, domínio, saúde e paraíso terrestre são promessas comuns nesses movimentos. Comumente a população de um povo deposita a esperança de viver essas coisas na figura de um líder, geralmente um político com *status* divino ou um religioso com influência política.

A história demonstra como muitos desses movimentos usam promessas da Bíblia, descontextualizam-nas e as transferem para suas respectivas épocas. Normalmente, o Messias é o líder do movimento, o qual fará os fiéis desfrutarem a prosperidade na Terra e libertação da opressão dos ricos e do Estado. O poder estabelecido é ameaçado, o que gera reações violentas por parte dos governos locais ou até nacionais.

O desejo de viver num lugar paradisíaco é corroborado pela informação de Jacqueline Hermann (2000, p. 87): “A própria idéia da Terra sem Mal, a ser alcançada com a vitória da santidade, incorporou sentidos que a aproximam do paraíso terreal cristão [...]”. Assim, seja na Terra seja no céu, essa busca oriunda da nossa insatisfação interior com o presente parece não se limitar a uma ou outra religião e/ou movimento.

E o neopentecostalismo tem muitas semelhanças com os movimentos messiânicos, embora nem sempre elas sejam literais. Os líderes neopentecostais têm suas pregações voltadas para o sucesso financeiro, a saúde, o *status* e as conquistas, e o meio de obter tudo isso, além de segui-los, é contribuir financeiramente para a denominação a qual presidem.

Os fiéis têm a promessa de usufruírem das melhores coisas da vida ao participarem de campanhas, darem o dízimo e ofertas diversas. Os trechos bíblicos utilizados para embasar as pregações comumente estão no Antigo Testamento, já que ali abundam promessas divinas que englobam vida próspera na Terra, enquanto, no Novo Testamento, esses discursos só podem ser baseados em textos isolados da essência da mensagem geral que ali é apresentada. Assim como os líderes-messias, os pregadores neopentecostais enchem as pessoas de expectativa de que sairão da adversidade para “comer o melhor da Terra” (Is. 1:19).

E, notoriamente, o discurso de promessas que se assemelha à vida num paraíso terrestre tem como maiores beneficiários os próprios pregadores dessa teologia, já que um dos meios principais do fiel alcançar as promessas divinas é alimentando esse sistema com recursos financeiros. Portanto, diferindo das religiões que angariam fundos para se sustentarem, o movimento neopentecostal tem em seu DNA o pedido de contribuição como um dos elementos mais importantes do culto, levando muitas pessoas a achar que a questão financeira é um fim em si mesmo para os líderes e adeptos, não um meio para sustentar os trabalhos das igrejas, que é o discurso mais convencional das religiões.

2. ALGUNS MOVIMENTOS MESSIÂNICOS

2.1. DEFINIÇÃO

Entendem-se por movimentos messiânicos, ou messianismo, eventos e situações específicos em que um ou alguns povos alimentam a esperança de mudança da sua situação, a qual é centrada na figura de um líder. Geralmente esse líder é uma espécie de enviado de Deus, um Messias, um Salvador, o

qual destituirá o poder estabelecido e inaugurará uma nova era de paz, de prosperidade, de felicidade. Uma espécie de paraíso terrestre. Tais movimentos são caracterizados por rebelião contra o poder estabelecido e reação militar por parte deste.

2.2. NO TEXTO BÍBLICO

A esperança messiânica que mais influenciou os outros movimentos vem do judaísmo e a base está nos textos da Tanak ou, como é conhecida pelos cristãos, o Antigo Testamento da Bíblia.

Os hebreus foram escravos no Egito, na Assíria e na Babilônia. Foram dominados pelos selêucidas e romanos. Nada mais natural do que esperar um Messias Libertador, com fervor nacionalista. Ele deveria ser valente como Davi, trazendo paz e justiça (Is. 9:7), sendo uma espécie de rei-juiz, que faria justiça aos pobres e castigaria os perversos (Is. 11:4), proporcionando prosperidade econômica ao seu povo (Is. 35:7; 65:21).

Esse Messias deveria fazer Israel sobressair entre as demais nações (Mq. 4:1-2) e dar a Israel a terra prometida a Abraão (Gn. 15:7-21). Os judeus esperavam que o Ungido os libertasse do jugo do Império Romano, restaurando o reino de Israel, algo que até os discípulos de Jesus, que jamais pretendeu fazer qualquer coisa semelhante, esperavam (At. 1:6). A esperança messiânica dos judeus, principalmente dos mais patriotas como os zelotes, por vezes os levou a sofrer ataques armados por parte do Império Romano, pois o sentimento ultranacionalista dos filhos de Jacó era de repulsa ao domínio de qualquer estrangeiro na terra prometida. E Roma, capital de um império que abrangia 120 milhões de pessoas à época, não tolerava nenhum tipo de rebelião. Os judeus estão aguardando o Messias até os dias atuais.

Na teologia cristã pré e pós-milenarista, essas promessas feitas a Israel englobam a Igreja, sendo reforçada pelo texto de Apocalipse (20). Ali, Jesus é o rei e governa junto com os fiéis, com aqueles que foram mortos por amor à Palavra. Certamente o escritor bíblico estava pensando na perseguição sofrida pelos cristãos por parte do Império Romano, os quais, na

ressurreição, viveriam um reino de mil anos de paz, justiça e bondade. Como o texto neotestamentário não dá maiores detalhes, as promessas feitas a Israel nas Escrituras Hebraicas servem para construir a ideia do milênio, recheando-o de particularidades, dando-lhe um colorido de paraíso terrestre. O cenário de dificuldades e perseguições severas serviu para alentar a esperança de uma vida melhor no outro mundo, especialmente quando não havia mais perspectivas de uma situação favorável no presente século.

2.3. AS CRUZADAS

As cruzadas foram guerras ocorridas entre os séculos XI e XIII entre cristãos e muçulmanos pelo domínio da chamada Terra Santa, a cidade de Jerusalém. Os guerreiros cristãos usavam uma cruz bordada em suas vestes, considerando-se soldados de Cristo. Daí o nome “cruzadas” ter sido usado para esse movimento.

As peregrinações a Jerusalém aumentaram por volta do ano 1000, pois havia uma forte crença de que esse ano traria a volta de Cristo e o fim do mundo. As perseguições e os mau-tratos que os cristãos sofriam ao peregrinar à Terra Santa foram motivo suficiente para que as cruzadas começassem, surgindo, assim, o desejo de libertar Jerusalém dos muçulmanos (HURLBUT, 2003, p. 119).

A primeira cruzada ocorreu em 1095, sob a liderança do papa Urbano II. Em 1099, ele tomou a cidade de Jerusalém. Os soldados não estavam preparados e a empreitada não obteve sucesso. Além disso, não houve apoio da população local para o estabelecimento de um novo governo. Em 1099, com quase 300 mil soldados, o cristianismo consegue conquistar Jerusalém. Os muçulmanos conseguiram recuperar algumas cidades, mas o reino continuou, até então, com os cristãos europeus.

A segunda cruzada ocorreu em 1147, mas sem sucesso. Em 1187, Jerusalém foi retomada pelos sarracenos e o reino de Jerusalém caiu. Na terceira cruzada, em 1188, houve um acordo entre Ricardo Coração de Leão e Saladino, para que os cristãos pudessem visitar o Santo Sepulcro em paz. Na quarta

cruzada, em 1202, o papa Inocêncio III quis invadir a Terra Santa passando pelo Egito, mas as tropas se desviaram para Constantinopla por objetivos comerciais.

Na quinta cruzada, o imperador Frederico II conseguiu, por meio de acordo, conquistar Jerusalém, Haifa, Belém e Nazaré, automeando-se rei de Jerusalém. Na sexta cruzada, Luis IX foi derrotado pelos muçulmanos. Na sétima, em 1272, Luiz IX morreu a caminho de Jerusalém e o fracasso foi inevitável.

Até os nossos dias a Terra Santa é alvo de guerras pela posse do território, sendo os protagonistas dessa triste novela infundável judeus e palestinos.

2.4. O SEBASTIANISMO

O sebastianismo, um dos principais movimentos messiânicos, pregava que Dom Sebastião, rei de Portugal, não tinha morrido e voltaria para inaugurar um reino, o 5º Império, profetizado pelo profeta Daniel e narrado no Antigo Testamento (cf. Dn. 2).

Dom Sebastião morreu na batalha de Alcácer-Quibir, em Marrocos, em 1578, quando Portugal era dominado pela Espanha. Como a derrota foi muito grande, na qual um número elevado de famílias perdeu seus familiares na guerra, a busca por ajuda sobrenatural cresceu. E, como muitos soldados estavam desaparecidos, as artes mágicas foram uma alternativa para suprir o momento de tristeza e desespero. A partir desse clima, além do fato de o corpo de Dom Sebastião não ter sido encontrado pelos portugueses, a crença na volta do rei português cresceu fortemente. Jacqueline Hermann (2000, p. 9) faz uma síntese sobre esse aspecto:

No rastro dessa perda, surgiu em Portugal uma crença messiânica que concentrava na figura mítica de um rei salvador as esperanças de redenção das privações do presente e projetava para o futuro a volta daquele que iria libertar os portugueses do jugo castelhano. Chamada de sebastianismo, essa crença conheceu modalidades variadas, tanto no reino como em seus territórios coloniais, e teve por base um messianismo de fundo judaico

herdado dos séculos de convivência entre católicos e judeus na península ibérica.

As situações de adversidade fortalecem o cenário para a manifestação do movimento messiânico. Sendo assim, “[...] para os sebastianistas a passagem do século conjugava tristeza, nostalgia e o sonho de fundação do Quinto Império do Mundo, paraíso terrestre liderado por um monarca português” (HERMANN, 2000, p. 11). Já que os quatro impérios citados no livro de Daniel já tinham passado (Babilônico, Medo-Persa, Grego e Romano, segundo as interpretações mais comuns), o quinto ainda estava por vir, e encaixá-lo numa situação de adversidade não seria algo inusitado. Reforçando seu comentário, Hermann (2000, p. 23) afirma que: “A desgraça de Alcácer Quibir significou, assim, uma derrota dupla para os brios lusitanos: mouros e castelhanos voltavam a assombrar a gloriosa soberania portuguesa, trazendo amargura para o futuro e melancolia em relação ao passado”. O sentimento de fracasso serve para os líderes mexerem com os brios dos crentes, misturando esperança com revolta, fé com indignação, conduzindo uma multidão a trilhar o mesmo caminho em busca da felicidade plena.

No sebastianismo, há um sentimento que se assemelha ao que habitou os corações dos cristãos à época das cruzadas, o de retomar a Terra Santa das mãos dos “infiéis”. As promessas feitas aos hebreus são tiradas do seu contexto histórico e adaptadas ao cotidiano do grupo. Hermann (2000, p. 17) afirma que: “A grandeza e a importância da fundação de um império português no norte da África em pleno alvorecer da época moderna refletiam, na verdade, um antigo sonho português, relacionado ao resgate de territórios dominados por infiéis muçulmanos, outrora pertencentes ao mundo cristão”. Observamos um misto de orgulho ferido (tomaram o que é nosso), expansionismo e fundamentalismo religioso. A nossa adesão religiosa nos faz ter direito a expulsar “o outro” da terra que “nos” pertence. Para alguns, essa terra é um local habitado por heróis ancestrais, homens-deuses, fartura e felicidade eterna.

Silvestre José dos Santos, a partir de 1817, em Pernambuco, pregava que Dom Sebastião voltaria para estabelecer um reino messiânico, um paraíso terrestre. Quando o número de seus fiéis chegasse a mil, Dom Sebastião voltaria e organizaria um exército para libertar Jerusalém.

Em 1838, também em Pernambuco, João Antônio dos Santos e seus liderados viviam numa espécie de sociedade alternativa, com suas próprias leis e costumes, distintos do resto do país. João era o “rei” desse povoado e anunciava a volta de Dom Sebastião, o qual inauguraria um reino de paz, prosperidade e felicidade. Seu cunhado, João Ferreira, deu prosseguimento às pregações e, com uma postura bastante extrema, dizia que Dom Sebastião só retornaria se houvesse sacrifícios humanos. Dezenas de pessoas morreram e as autoridades destruíram o local onde os suicídios aconteceram.

2.5. A REVOLTA DOS MUCKERS

Movimento do final do século XIX que ascendeu do meio de protestantes luteranos, principalmente. Ocorreu em São Leopoldo, cidade do Rio Grande do Sul, com liderança de João Jorge Maurer e sua esposa Jacobina. Uma liderança emergiu em oposição à vinda de alguns pastores ordenados oficialmente pela Igreja Luterana.

Jacobina se tornou uma espécie de representante de Cristo, dizendo-se a encarnação do Messias, e prometeu fundar um império. Ela interpretava a Bíblia de maneira independente, sem vínculo institucional, e seu marido era um curandeiro. Em meio a um povo abandonado e pobre, os líderes tiveram êxito em congregar um número considerável de adeptos.

Os fiéis rebelaram-se contra o sistema estabelecido, e o movimento acabou sendo massacrado pelas autoridades. Ocorreram muitos conflitos com mortes de civis e de policiais, e, por fim, o poder estabelecido prevaleceu contra os seguidores de Jacobina. Eles esperavam por uma guerra final e por um novo mundo sem dinheiro.

2.6. GUERRA DE CANUDOS

Antônio Conselheiro foi um beato que nasceu no Ceará e veio de família pobre. Influenciado pelo padre Ibiapina, pregava contra a desigualdade social e atraiu, por isso, muitos pobres para serem seus seguidores.

Ele, já liderando um grande grupo de pessoas sem recursos financeiros, comprou uma certa quantidade de madeira de Juazeiro para sua cidade, Belo Monte, no Estado baiano. Como a encomenda não chegou, Conselheiro foi a Juazeiro com alguns homens para buscá-la. Assim, espalhou-se o boato de que ele invadiria Juazeiro, e as autoridades foram comunicadas. Como os discursos de Conselheiro já vinham incomodando a elite e a quantidade de pessoas que ele conseguiu reunir era vista como um perigo pelos ricos, isso foi usado como pretexto para invadir e atacar Belo Monte.

Nos primeiros ataques, os soldados atacantes não tiveram sucesso, pois os seguidores de Conselheiro se armaram e a terra era de difícil acesso. Assim, os soldados fugiram. Já na quarta invasão, com um número bem maior de soldados e de armas, Belo Monte (ou Canudos, nome da região que veio a designar o evento) não resistiu, e os seguidores do beato, apesar da valentia, foram mortos. Antonio Conselheiro também morreu nesse massacre, ocorrido em 1897.

2.7. GUERRA DO CONTESTADO

Rio Grande do Sul e Santa Catarina disputavam um território de aproximadamente 48.000 quilômetros quadrados. Nessa área, o empresário norte-americano Percival Farquhar, para construir uma estrada de ferro, expulsou as famílias que residiam na área e explorou, excessivamente, muitos trabalhadores.

Com isso, tivemos um cenário de pobreza, desemprego e exploração. Tal cenário levou a população pobre a aguardar que Deus manifestasse sua justiça por meio de um mensageiro, um enviado, uma espécie de Messias. Dois beatos homônimos, chamados João Maria, conseguiram atrair muitos seguidores, em momentos diferentes. Stulzer, contrariado, comenta a influência de um deles: “Uma palavra de sua boca valia e vale ainda hoje mais do que as verdades do Evangelho, do que quaisquer instruções de sacerdotes e bispos, e até o Santo Padre só aceite ensinar a verdade se esta confere com a pregação de João Maria” (STULZER, 1982 apud FERREIRA, 2007, p. 91).

Após o desaparecimento de ambos, um terceiro líder se levantou, denominado José Maria. Alguns acreditavam que ele era o líder anterior, que tinha retornado com outro nome. Os seguidores de José Maria alimentavam a esperança de que Dom Sebastião voltaria para fazer uma guerra final e livrar os pobres. Como no caso de Canudos, as autoridades não viam com bons olhos essa esperança messiânica, pois poder-se-ia chegar a um estado de desordem, ameaçando principalmente os que tinham muitos bens.

Sabendo da desaprovação das autoridades e temendo por sua integridade física e de seus seguidores, José Maria fugiu para o Estado do Paraná. Com receio de que o governo catarinense invadissem o Paraná para atingir os religiosos, as autoridades fizeram guerra contra os fiéis, matando-lhes o líder. Mesmo com resistência e bravura, os homens foram dizimados, e mais um movimento messiânico foi aniquilado pelo poder estabelecido, o governo.

3. O NEOPENTECOSTALISMO: CARACTERÍSTICAS E SEMELHANÇAS COM OS MOVIMENTOS MESSIÂNICOS

3.1. DEFINIÇÃO

O neopentecostalismo é um movimento surgido na década de 1970, com a fundação de novas denominações evangélicas que trouxeram um discurso e costumes diferentes daqueles já propagados pelo movimento pentecostal e pelo protestantismo de uma maneira geral. Embora a Igreja do Evangelho Quadrangular, fundada no Brasil em 1951, tenha muitas semelhanças com as igrejas neopentecostais, é com o nascimento da Igreja Universal do Reino de Deus, em 1977, que o neopentecostalismo vai inspirar o surgimento de novas igrejas e se consolidar como um movimento histórico. De acordo com Ricardo Mariano (1999, p. 37), “Para ser enquadrada como neopentecostal, portanto, uma igreja fundada a partir de meados da década de 1970 deve apresentar as características teológicas e comportamentais distintivas dessa corrente”.

Quando cita estas características, Mariano (1999, p. 37) fala de mais liberalismo, investimento em atividades extraigreja, menos sectarismo e ascetismo.

As principais denominações neopentecostais são a Universal, Internacional da Graça de Deus, Renascer, Sara Nossa Terra e Paz e Vida. As pregações dessas igrejas estão voltadas, principalmente, para sucesso profissional, saúde física, prosperidade econômica, vitórias sobre os problemas da vida e restauração familiar. Os costumes são bem mais liberais do que os pregados pelas igrejas pentecostais, e a figura carismática do líder é muito mais destacada.

3.2. RELAÇÃO ENTRE LÍDERES E LIDERADOS – PERFIL DE ALGUNS PASTORES

Certos líderes levam multidões para onde desejam. Carisma, eloquência e emoção são ingredientes comuns para a ascensão dos homens-messias.

No movimento neopentecostal, as grandes denominações contam com presidentes cujos índices de aprovação, entre os fiéis, são muito elevados, e muitas vezes a crítica a eles é considerada perseguição religiosa ou sinal de que estão fazendo a vontade de Deus, assim como ocorria com os profetas bíblicos que eram perseguidos por falar a verdade da parte do Eterno.

Na Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd), os pastores e bispos imitam o timbre de voz de Edir Macedo e, em certos casos, até a sua forma de gesticular. Quem tem o hábito de ouvir e/ou ver a programação da Iurd na Rede Aleluia (99,3 FM em São Paulo), nas emissoras de televisão (Gazeta, Record, Record News) e nos templos percebe facilmente que há uma padronização incrível nas vozes e na linguagem dos líderes. O leitor que sentir curiosidade pode acessar a emissora de rádio citada e, ao ouvir a voz de um dos bispos, tentar identificar qual deles está falando. Não será tarefa muito fácil.

Ele mesmo, Macedo, disse, em vídeo divulgado pela Rede Globo em 1995, que tem mais de 1,5 milhão de acessos

no Youtube, que pastor tem que ser o super-herói do povo. Super-herói sempre vence. Super-herói tem capacidade superior à do ser humano. Sempre chega na hora certa. Sempre sabe o que está fazendo. Não tem as fraquezas que nos cercam diariamente.

Embora o comportamento descrito a seguir não seja exclusivo de pessoas religiosas, é comum que os liderados se resintam excessivamente com críticas feitas aos pastores/bispos. Mesmo sem ter nenhum contato pessoal ou convívio fora do ambiente do culto, defendem-nos de maneira contundente. As críticas não são analisadas para um debate sadio e para chegar a uma conclusão ponderada, mas são vistas como perseguição do diabo contra aquele que é considerado o ungido. Somente um tipo de Messias está acima do bem e do mal, das críticas e do erro. A foto de Edir Macedo na cadeia, com uma Bíblia na mão, foi utilizada pela *Folha Universal*, durante um bom tempo, nas colunas que ele escrevia, transmitindo a imagem de um homem perseguido pela causa do Evangelho, que sofre represálias das autoridades e dos poderosos usados pelo Diabo. O crescimento da denominação é visto como um sinal divino, à semelhança do que disse Gamaliel (Atos 5:34-40).

Na Igreja Renascer, as vozes de Sônia e Estevam Hernandes também são imitadas por outros líderes da denominação. O conselho bíblico de imitar o apóstolo (I Co. 11:1) é levado ao pé da letra. É a igreja neopentecostal que mais tem aparecido nos meios de comunicação nos últimos anos com notícias negativas. Ao contrário da Iurd, que mesmo com as críticas da mídia cresceu grandemente, a Renascer não trilhou o mesmo caminho. Algumas matérias dos grandes veículos de comunicação têm falado sobre o fechamento de templos da Renascer após a repercussão dos problemas dos líderes com os dólares não declarados. O jornalista Gabriel Batista (2007), do jornal *O Globo*, afirma que “o movimento é visível nos templos, já que há cada vez mais bancos vazios durante os cultos. A igreja nega o esvaziamento e diz que mantém 600 templos no Brasil. No passado, entretanto, a igreja chegou a ter cerca de 1.200 no Brasil e no exterior”.

Mesmo assim, os membros da Renascer que não têm deixado a denominação mantêm forte fidelidade a Estevam e a Sônia, vendo as notícias negativas da mídia como perseguição diabólica e sinal de que estão dando frutos para o reino de

Deus. Afinal, Jesus e os apóstolos também foram perseguidos, bem como os profetas e os homens piedosos da história. É possível ver essa reação em *sites* que noticiaram a prisão do casal, onde muito dos comentários, quando feitos pelos fiéis, expressam uma reação com toques fundamentalistas em defesa dos líderes. É natural que fiquemos contrariados com críticas feitas a pessoas de que gostamos, mas uma posição equilibrada exige que analisemos as críticas para emitir um parecer, fazendo uma réplica pontual, não nos enxergando como vítimas perseguidas.

Em suma, os líderes são os ícones dessas grandes denominações, e a maneira como os fiéis os enxergam nos lembra dos movimentos messiânicos.

3.3. REVOLTA CONTRA A ADVERSIDADE

Nos movimentos messiânicos, as pessoas seguem um líder por estarem cansadas das adversidades, da opressão, da pobreza. A revolta que se dá contra a situação cresce de tal forma que os grupos de fiéis muitas vezes se rebelam contra o sistema e há conflitos militares. Nas igrejas neopentecostais, há um sentimento semelhante, embora, como é óbvio, não com um radicalismo tão grande, tampouco com a formação de grupos que se rebelam contra as autoridades, mas sim contra uma situação adversa.

Na Igreja Internacional da Graça, a ênfase maior é sobre a saúde, embora o sucesso financeiro também esteja incluso nas bênçãos divinas. É comum vermos R. R. Soares, um dos homens que mais aparece na TV brasileira, levando os fiéis a não aceitar as doenças físicas. Quem está doente é porque não sabe “tomar posse da bênção”. Em uma entrevista à revista *Eclésia*, ele disse: “enquanto eu não aprendi a tomar posse da bênção, tivemos aqui sérios problemas financeiros. Eu mesmo sofri com um resfriado que não me largava havia dois anos. Até que exigi que o Diabo tirasse a mão” (FERNANDES; STEFANO, 2001, p. 24). Para Soares, um simples resfriado tem origem numa atuação satânica, e continuar com a enfermidade é demonstrar falta de fé e comodismo espiritual. As

orações, no conceito da Igreja Internacional da Graça, devem expressar a rejeição à adversidade por meio da confissão positiva, que seria o meio para se alcançar o sucesso, como o comentário de Soares confirma:

A confissão é uma das coisas mais importantes na vida do cristão. Então, para obtermos sucesso, é importante cuidarmos daquilo que sai da nossa boca. Só devemos fazer declarações com confiança e fé. Não importa a situação pela qual estejamos passando, se declararmos com confiança que o Senhor é o nosso Ajudador, já percorremos metade do caminho para ficarmos livres do maligno. A outra parte é percorrida quando não tememos diante das dificuldades.

Uma pessoa pode crer, mas, se não fizer uso da confissão, ficará sempre sem a operação do poder divino (FERNANDES; STEFANO, 2001, p. 24).

Na Iurd, também percebemos o discurso de “revolta contra a situação”. As orações inflamadas dos bispos nas campanhas e nos cultos convencionais são bem diferentes dos clamores reverentes vistos nas demais denominações cristãs. Muitas vezes em situação de desespero, os fiéis imitam os líderes, colocando Deus num papel em que Ele é obrigado a fazer o que está sendo determinado. Enquanto na maior parte das igrejas cristãs a oração é um pedido a Deus, na Iurd e na Internacional da Graça o crente é ensinado a determinar, ordenar, e a fé, por si mesma, trará os resultados desejados.

3.4. PROMESSA DE PROSPERIDADE

A Iurd tem, às segundas-feiras, um culto para os empresários e profissionais liberais. Há vigílias para empresários e palestras voltadas para o sucesso, cujo público-alvo são os empreendedores, profissionais liberais e demais interessados. Textos isolados e descontextualizados do Antigo Testamento são utilizados para basear as promessas de sucesso e conquistas. A Iurd, com a Fogueira Santa de Israel, estimula os seus fiéis a dar o “sacrifício”, geralmente todo o salário ou até vender o que têm para ofertar. Segundo a pregação, quem participa da

campanha com fé, dando o sacrifício, é abençoado. Para Ricardo Mariano (1999, p. 170), o crente que deseja receber grandes bênçãos precisa “assumir riscos, doando à igreja algo valioso como salário, poupança, herança, jóias, carro, casa, com a certeza de que reaverá, centuplicado, o que ofertou”.

Embora muitas pessoas de classes média e média alta frequentem a Iurd, o foco dessa denominação está nos mais pobres. E, pelo menos em número de membros, ela tem sido mais bem-sucedida do que as demais no Brasil, já que, nesse quesito, perde apenas para as igrejas Assembleia de Deus, Congregação Cristã no Brasil e Batista, nenhuma delas neopentecostal. A situação de dificuldade de boa parte dos membros da Iurd ajuda a fortalecer a eficácia do discurso. Ricardo Mariano (1999, p. 149), falando da Teologia da Prosperidade, pregada pelas denominações neopentecostais, afirma:

Essa doutrina, reinterpretando ensinamentos e mandamentos do Evangelho, encaixou-se como uma luva tanto para a demanda imediatista de resolução ritual de problemas financeiros e de satisfação de desejo de consumo dos fiéis mais pobres, a grande maioria, como para a demanda (infinitamente menor) dos que almejavam legitimar seu modo de vida, sua fortuna e felicidade.

Assim, esse aspecto da teologia judaica veterotestamentária, readaptada no cristianismo pelos neopentecostais, é muito forte dentro desse segmento cristão, mostrando-nos que nem sempre os textos neotestamentários que falam de dificuldades nesta vida, perseguições e contentamento com as coisas básicas são muito atraentes.

Na Igreja da Graça, alguns textos-chave do Novo Testamento são utilizados para manter a base da teologia dessa denominação, tais como João (14:13) e Marcos (16:16 et seq.). Soares consegue fundos por meio dos dízimos e ofertas, contribuições dos associados, vendas de livros e CD, e a participação do fiel, segundo o discurso, implica bênçãos divinas, o que se traduz por uma vida bem-sucedida nos aspectos financeiro e familiar, bem como na saúde.

A Renascer costuma usar temas para o ano inteiro, usando títulos como “ano de Josué”. Pregações são padronizadas, de acordo com o tema definido pela liderança. A mesma

pregação é feita em todas as igrejas, mantendo um padrão igual ao de franquias. A trajetória de personagens do Antigo Testamento, como Gideão, Josué, Moisés e Davi, é utilizada como padrão de sucesso, e devemos obter as mesmas vitórias que eles. Assim como as personagens bíblicas inspiram uma vida vitoriosa, os líderes neopentecostais também são vistos dessa maneira pelos crentes.

Em todos os cultos da Renascer, há uma minipregação sobre contribuição financeira, feita antes de a oferta ser recolhida. Envelopes são deixados em todas as cadeiras dos templos. Como ninguém se sentará em cima do envelope, a pessoa o pegará, lerá, pensará e, com o auxílio da pregação, provavelmente dará algo para a instituição. Se o fiel não tiver dinheiro, não tem problema, pois a denominação tem adotado máquinas de cartão de crédito nos cultos. O carnê de Gideão, para contribuição mensal, é bastante divulgado pela igreja, em seus meios de comunicação. Promessas de conquistas financeiras, recheadas de testemunhos, são feitas para quem paga o carnê em dia.

Muitas igrejas neopentecostais afirmam que existe um demônio chamado devorador, o qual assola a vida financeira de quem não é fiel nos dízimos, segundo o texto de Malaquias (3:8-10). Edir Macedo (1990, p. 36, 54, 79, 84 apud NUNES, 2006, p. 6) afirma:

Comece hoje, agora mesmo, a cobrar d'Ele tudo aquilo que Ele tem prometido [...]. O ditado popular de que “promessa é dívida [sic]” se aplica também para Deus. Tudo aquilo que Ele promete na Sua Palavra é uma dívida que tem para com você [...]. Dar dízimo é candidatar-se a receber bênçãos sem medida, de acordo com o que diz a Bíblia [...]. Quando pagamos o dízimo a Deus, Ele fica na obrigação (porque prometeu) de cumprir a Sua Palavra, repreendemos os espíritos devoradores [...]. Quem é que tem o direito de provar a Deus, de cobrar d'Ele aquilo que prometeu? O dizimista! [...]. Conhecemos muitos homens famosos que provaram a Deus no respeito e se transformaram em grandes milionários, como o Sr. Colgate, o Sr. Ford e o Sr. Caterpillar.

Apesar de a passagem estar se referindo a uma espécie de gafanhoto chamado de devorador, ele é convertido num demônio que consome as finanças de quem não contribui com os 10% mensais para a igreja na qual congrega. Assim, as

situações caóticas pelas quais Israel passou durante a história por sua infidelidade seriam reproduzidas na vida daquele que retém o dízimo, conduzindo o (in)fiel a dificuldades em sua vida financeira.

3.5. GUERRA SANTA

Guerra santa é um conflito, armado ou não, que envolve causas religiosas, deuses, confrontos físicos ou ideológicos, disputas por poder, por terras e opiniões polares, sem possibilidade de diálogos.

As cruzadas são um clássico exemplo de guerra santa, pois tanto cristãos como muçulmanos acreditavam estar matando e morrendo para defender a causa de Deus, exceto, provavelmente, os que de fato iriam usufruir os benefícios da conquista. Na região da Palestina, temos acompanhado, desde “sempre”, a guerra ferrenha e recheada de ódio entre judeus e palestinos, em que a promessa da terra prometida é motivo suficiente para inserirmos esse conflito na categoria aqui abordada.

Já dentro do neopentecostalismo, a Iurd elegeu as religiões afro-brasileiras e o catolicismo romano como alvos prediletos de seus ataques. A briga não ficou apenas nos argumentos teológicos, mas chegou às vias de fato, com confrontos físicos, envolvimento da polícia e até da Justiça. Ricardo Mariano (1999, p. 112) confirma nossa informação:

Com a eclosão de conflitos, ataques e agressões entre membros dessas religiões, o fenômeno, embora de proporção e gravidade infinitamente menores comparados (se é que se pode comparar) à guerra religiosa, política, econômica e territorial travada entre árabes e judeus, protestantes e católicos na Irlanda, foi nomeado de guerra santa pela mídia brasileira.

A proporção do fato, em comparação com outro, é controlada por algumas variáveis, entre elas a condição sociológica à qual o fato está sujeito, já que o papel da mídia, a lei, a cultura e a visão religiosa são diferentes, mas não podemos negar que é difícil afirmar se a intensidade do sentimento de ódio é inferior em um caso em relação ao outro. Sendo assim,

a intensidade e a maneira mudam, mas a intenção continua a mesma. Novamente Mariano (1999, p. 112) endossa esse ponto de vista: “Fundada por um ex-umbandista no Rio de Janeiro, cidade-berço da Umbanda, a Universal desencadeou esta guerra e continua empenhada em prosseguir-la, ainda que, em decorrência dos processos judiciais e dos inquéritos policiais que sofreu, o faça de modo mais *soft* e menos visível”. Os adeptos dos cultos afro-brasileiros foram à Justiça, fizeram protestos, fizeram queixas na polícia, e ficou, assim, caracterizada a guerra santa. Em contrapartida, a reação continuou:

Movidos pelo ressentimento do povo eleito perseguido pelo Diabo, encorajados pela liderança e embalados pela ira santa, pastores e fiéis ultrapassaram o espaço interno dos templos, provocaram conflitos e agrediram adeptos das religiões adversárias, desencadeando a malfadada “guerra santa” (MARIANO, 1999, p. 122).

Parece paradoxal que religiões cristãs, que teoricamente se baseiam nos ensinamentos de Jesus, sejam protagonistas de atitudes contrárias ao princípio do amor ensinado e vivido por Cristo. Mas o único sentimento capaz de parar o ódio é o amor. A vingança sempre perpetuará a guerra, o ressentimento, o “direito” de retribuição. Churchill nos ensinou esta valiosa lição com sua postura diante da derrotada Alemanha, durante o fim da Segunda Guerra Mundial, mostrando que, quando os alemães deixassem de lado as ideias nazistas, deveriam ser incorporados novamente, pois senão corria-se o risco de ocorrer uma Terceira Guerra Mundial. E assim estão hoje, com uma relação completamente diferente com o resto do mundo. E as diferenças entre o neopentecostalismo e os cultos afro, bem como entre as demais religiões, não devem alimentar o ódio, mas exercitar a nossa capacidade de fazer o bem àqueles que são diferentes de nós, mesmo quando temos pontos de vista antagônicos.

3.6. SÍNTESE DAS SEMELHANÇAS

A fim de facilitar a leitura das semelhanças entre o neopentecostalismo e os movimentos messiânicos, apresentamos

uma síntese no Quadro 1. Nem todas as características citadas aparecem em todas as igrejas neopentecostais ou em todos os movimentos messiânicos, mas umas e outras aparecem presentes em ambos, duma maneira geral, embora com exceções.

Quadro 1 – Síntese das semelhanças

Neopentecostalismo	Movimentos messiânicos
<i>Líderes com características messiânicas:</i> os fiéis não aceitam críticas contra seus líderes, e toda opinião mais contundente contra as práticas neopentecostais é vista como perseguição religiosa.	<i>Líderes com características messiânicas:</i> o líder é um enviado por Deus, e, se preciso, o fiel parte para as lutas armadas para defender a causa do grupo.
<i>Promessas da Bíblia descontextualizadas do fundo histórico:</i> o sucesso financeiro de Abraão, Isaque, Jacó, Davi, Salomão e outras personagens bíblicas deve se reproduzir na vida do cristão fiel.	<i>Promessas da Bíblia descontextualizadas do fundo histórico:</i> o reino messiânico é para já. O quinto império de Daniel é para o tempo presente, e esse reino jamais será destruído.
<i>Situação de adversidade:</i> o apelo de prosperidade financeira ganha força quando os fiéis não desfrutam de boas condições financeiras. Exemplo da lurd, a maior denominação neopentecostal, que trabalha predominantemente com pessoas de classes socioeconômica mais baixas.	<i>Situação de adversidade:</i> governos opressores, fome e miséria formam um cenário propício para a formação de um movimento messiânico. Predominância de pobres que têm a esperança de viver o Paraíso Terrestre por meio de uma nova ordem estabelecida.
<i>Guerra santa:</i> escolha de certas religiões que serão vistas como inimigas. Campanha forte contra as “eleitas” para serem o alvo dos ataques.	<i>Guerra santa:</i> resistência à reação do poder estabelecido e muitas mortes. Guerra em nome de Deus, luta pela causa de Cristo e derramamento de sangue.
<i>Terra prometida:</i> a terra prometida não é um espaço geográfico, mas uma situação de vida próspera em todos os sentidos, o que se assemelha, alegoricamente, à terra prometida aos hebreus no Antigo Testamento, onde o crente desfrutará do Paraíso Terrestre.	<i>Terra prometida:</i> a promessa de possuir a terra que mana leite e mel não é só para Israel, mas para o grupo, e este tem direito a tomar posse do território desejado.
<i>Tomar do “ímpio” o que é nosso:</i> em alguns discursos neopentecostais, aparece a ideia de tomar das mãos do “ímpio” o que é do crente, ou seja, “tomar posse” das riquezas que estão nas mãos dos que não servem a Deus.	<i>Tomar do “ínfiel” a terra que é nossa:</i> em alguns movimentos messiânicos, aparece o discurso de tomar a terra prometida das mãos dos infieis.

Assim, observamos situações e sentimentos semelhantes entre ambos, embora o fundo histórico, do ponto de vista político e social, seja bem diferente. Entretanto, o desejo humano de viver numa terra ideal, onde reina a felicidade, não tem época. A busca pelo paraíso perdido aparece já na Antiguidade, entre os hebreus, na narrativa bíblica de que Adão foi expulso do Éden após ter pecado. No mesmo documento, na Torá, ficamos sabendo que os hebreus buscaram a terra prometida, que mana leite e mel. Nesse mesmo espírito, a Igreja Messiânica é fundada, com o ideal de estabelecer paraísos terrestres, e os índios oprimidos buscaram uma Terra sem Mal (HERMANN, 2000, p. 79). Portanto, o sentimento messiâ-

nico se repete na história, nos movimentos, com roupagens diferentes, mas com a mesma busca, gerada pela insatisfação com o presente e pela esperança de um futuro melhor.

4. QUEM REALMENTE VIVE O PARAÍSO TERRESTRE

Por razões óbvias, embora a oferta seja “para Deus”, não é Ele quem recebe esse dinheiro. E, mesmo para quem entende que pode servir à causa divina com seus recursos financeiros, as atitudes mais nobres de contribuição são aquelas que beneficiam os necessitados e ajudam as pessoas a viver melhor. Embora muitas denominações neopentecostais tenham projetos sociais, não há como ignorar que a falta de prestação de contas, discriminando os valores de entrada e de saída, contribui para as críticas. Ao contrário das igrejas históricas, que detalham as receitas e despesas financeiras mensalmente aos membros, demonstrando transparência aos fiéis, no mundo neopentecostal não se sabe qual o salário dos obreiros, quanto se arrecada, qual a saída ou quanto a igreja tem em caixa.

E, embora o Novo Testamento descreva o reino de Deus como algo constituído por paz, amor e justiça, segundo o apóstolo Paulo, e Jesus tenha desencorajado seus discípulos a buscar domínio, poder e glória (Mt. 20:25-28), a pompa é uma das características dessas denominações, que investem em templos magníficos, divulgação maciça de seus produtos e expansão territorial. Algumas se assemelham a franquias. Não vivem para divulgar uma mensagem genuinamente cristã, mas apenas a si mesmas e seus resultados palpáveis para quem lhes obedece.

E, ao contrário da recomendação do livro no qual dizem se basear, a Bíblia, a influência que tais denominações exercem é utilizada, entre outras coisas, para eleger a cargos políticos certos líderes carismáticos, fazendo parecer que Deus tem interesse em que haja mais evangélicos na Câmara, para que sejam “luz no meio das trevas”. E as grandes denominações conseguem eleger um bom número de representantes, formando a tão conhecida bancada evangélica. E, com altos salários e

muitíssimos benefícios, esses homens usufruem um pedaço do paraíso terrestre, enquanto muitos dos que os colocaram lá continuam defendendo-os a qualquer custo, acreditando em teorias de conspiração e perseguição religiosa quando são criticados pela imprensa brasileira, embora esta também tenha seus interesses políticos e financeiros.

E, mesmo fora da política, alguns desfrutam de certos prazeres de dar inveja aos xeques árabes bilionários. Sem dúvidas, o discurso neopentecostal alimenta esse círculo vicioso, em que o fiel, para prosperar, deve contribuir para a obra de Deus (entenda ofertar para o templo), o que, naturalmente, torna a denominação mais rica e, na grande maioria dos casos, levando os seus principais líderes a acumular recursos financeiros, tornando-os empresários bem-sucedidos, superando, de longe, muitos executivos de empresas multinacionais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento neopentecostal nasceu com bases erradas, isso do ponto de vista da mensagem cristã neotestamentária que ele se propõe a propagar. Não poderíamos esperar que crescesse com princípios de igualdade, coerência e baseados na simplicidade do Evangelho de Jesus, o que dizer fazer, a princípio e na teoria. A voracidade por dinheiro é uma característica marcante desse segmento religioso. Não podemos negar que muitas pessoas boas e honestas fazem parte do neopentecostalismo, inclusive líderes e obreiros, mas é impossível ignorar que as maiores igrejas neopentecostais têm aparecido na mídia envolvidas com notícias negativas e promessas que comumente envolvem barganha, em que só recebe quem dá.

Igrejas como a Iurd têm sofrido processos judiciais de pessoas que receberam promessas de sucesso ao contribuírem com a igreja, mas elas não se cumpriram. A frustração, por vezes, antecede a revolta. As “portas do fundo” dessas igrejas têm sido tão largas quanto as “portas da frente”. Uma hora os adeptos percebem que são os líderes que lucram com a promessa do paraíso terrestre. Muitos, não distinguindo o Jesus histórico do “Jesus neopentecostal”, ficam frustrados com Deus, com a vida, com tudo.

Os escândalos envolvendo igrejas neopentecostais estão fazendo a sociedade enxergar esse movimento com ressalvas. A vida de príncipes de tantos pastores, bispos e apóstolos, proporcionada pelo dinheiro dos fiéis, causa desconforto em pastores sérios e em pessoas equilibradas. Certamente o que ocorre com o neopentecostalismo na atualidade, no Brasil, é o que já aconteceu nos Estados Unidos, com escândalos financeiros, televangelistas pedindo dinheiro, envolvimento interesseiro das igrejas com políticos, vida luxuosa dos pregadores e desmoralização do segmento. É só mais um movimento messiânico que, não cumprindo suas promessas de paraíso terrestre, cada dia mais cai no descrédito.

REFERÊNCIAS

BARBEIRO, H. *Curso de história geral*. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1984.

BATISTA, G. Crise na Renascer faz fiéis migrarem para igrejas menores. *O Globo*, 2 set. 2007. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sp/mat/2007/09/02/297550299.asp>>. Acesso em: 21 ago. 2009.

DOMINGUES, J. E.; FIUSA, L. P. L. *História: o Brasil em foco*. São Paulo: FTD, 1996.

FERNANDES, C.; STEFANO, M. Evangelho de resultados. *Eclésia*, ano VI, n. 67, p. 24, jun. 2001.

FERREIRA, H. de F. Historiografia contestada: reflexões acerca de alguns discursos e representações dos sujeitos atuantes na Guerra do Contestado. *Santa Catarina em História – UFSC*, v. 1, n. 1, p. 86-97, 2007. Disponível em: <<http://seer.cfh.ufsc.br/index.php/sceh/article/view/42/60>>. Acesso em: 20 ago. 2009.

GWERCMAN, S. Evangélicos. *Super Interessante*, edição 197, p. 52, fev. 2004.

HELLERN, V.; NOTAKER, H.; GAARDER, J. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HERMANN, J. *Virando século: 1580-1600 – o sonho da salvação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HURLBUT, J. L. *História da igreja cristã*. São Paulo: Vida, 2003.

MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

NUNES, F. J. Futebol, política e religião entram em campo. *Nures*, ano 2, n. 2, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nures/revista2/artigos_francisco_nunes.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2009.

ROBERTS, A. *Hitler & Chuchil: segredos da liderança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

SOARES, R. R. Receita para vencer. Disponível em: <<http://www.ongrace.com/NP/rr/ler.php?idEstudo=499>>. Acesso em: 19 ago. 2009.